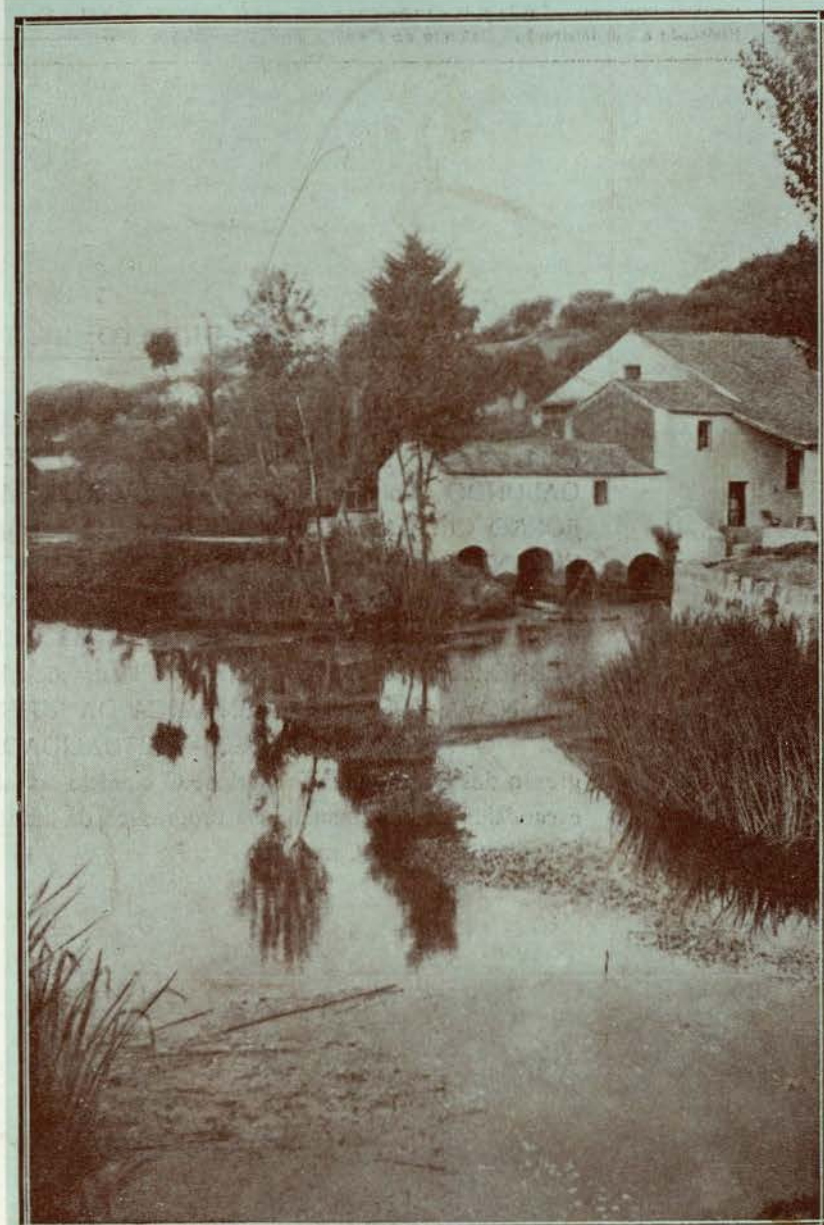


RENOVAÇÃO

Numero

15



Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»

Officinas de composição e impressão: *Imprensa Belesa — R. da Rosa, 99 a 107*

Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa* — Telefone: *Trindade 539*

SUMARIO do numero anterior:

O CAMARADA JOURDE, O FINANCEIRO DA COMUNA (com gravuras) por *Rocha Martins* — A ODISSEIA DUM VAGABUNDO (com gravura) — OS EFEITOS MORAIS DO FORNO CREMATORIO (com gravuras) — O COMERCIO AMBULANTE (com gravuras) — HOMENS E FACTOS: LUISA MICHEL (com retrato) — AS SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL por *Ladislau Batalha* — SONHO DE UMA NOITE DE INVERNO, conto de *Eduardo Frias* com ilustrações de *Rocha Vieira* — A NOVA POLITICA ECONOMICA DA RUSSIA (com retratos) — O MUNDO CURIOSO — ACTUALIDADES: O Congresso dos Professores Primarios; O comicio socialista contra os escandalos da alta finança; Os progressos da industria — CAPA: desenho de *Stuart Carvalhais*.

Ano I — Numero 15

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1926

Na capa: *Margem do Almonda, proximo de Torres Novas*

Renovação

PERFIS DE REBELDES

A RUSSA VERA ZASSOULICH

Andava-se em plena guerra de nihilismo. Espalhava-se o terror por toda a Rússia e era tal o número de revoltados, de filiados em sociedades secretas, de inimigos do czar, Alexandre II, da corte e da sua política, que se os agentes da justiça chegavam até à tortura para arrancarem os segredos dos filiados, estes respondiam com atentados nas ruas aos suplícios dos polícias no fundo das prisões.

De quando em quando desaparecia um estudante, um pequeno comerciante, um médico, um advogado. Falara demais; pronunciara-se de maneira a gerar desconfianças, caíra em poder das leis. Alguns, os que se não podiam ocultar, iam até ao tribunal, julgavam-nos, mandavam-nos para a Sibéria; os outros jaziam nos cárceres falhos d'assistência, isentos da menor piedade. Sem julgamento, porém, nessa Rússia do czar Alexandre II, em 1878, não se enviava pessoa alguma para o degredo; por vezes os jurados absolviam — e isso constituía um motivo de cólera para os governantes — e sempre, ou quasi sempre, a gente policial espancava para obter as confissões ou para vexar os prisioneiros.

Um dos açoitados foi o estudante Bogolianboff.

O prefeito da policia do czar, o celebrado general Féador Trepoff, ordenara essa severissima pena que cruelmente fôra executada e chegara, em seus pormenores, ao conhecimento do público.

Estabelecido o terror, o medo, mais gelada de pávidos receios a atmosfera politica que a da cidade onde a neve caía em blocos, a calada fazia-se e se alguém protestava era no mistério das sociedades secretas.

Um dia constou que o chefe superior da policia escapara da morte, embora tivesse recebido duas balas no ventre, disparadas num dia de audiência solene. Ele, como um soberano, tinha os seus dias para ouvir as petições do povo, e quando medalhado, com o seu gorro de peles e a sua espada recurva, barbaçudo e terrível se dispunha a escutar uma queixa, sentiu-se ferido, caíra, ficara às portas da morte. A Rússia celebrou com júbilo a audácia do atentado. A pessoa que o atacara era uma mulher, muito nova ainda, vinte e dois anos que pareciam dezasseis, e bonita apezar do seu perfil kalumk. Chamava-se Vera Zassoullich.

O seu nome passou à celebridade na Europa como o duma Carlota Corday, a que pedira uma entrevista a Marat e o apunhalara, apezar de ser pura, virgem, uma alma branca embora se tingisse de sangue. Há dessas inspiradas nos momentos em que só um acto violento pôde obstar às desditas dum povo. Elas não cometem um atentado, segundo o seu modo de pensar; evitam, sacrificando-se, o mal duma raça espancada, esmagada, fisicamente envilecida. Não se pôde aplaudir esses passos, tampouco é possível detel-os, porque assim como Carlota Corday a ninguém participou seus desígnios, do mesmo modo Vera não disse a pessoa alguma os seus, nem as da sua raça os confidenciários jámais antes de os praticarem. Ela nem sequer estava filiada nalguma das numerosas associações nihilistas. Soubera das torturas sofridas

por Bogolianboff, o estudante, que não conhecia, impressionara-se e deliberara livrar a Rússia do algoz, num intuito, impulsivamente, fatal como um fado. Os que desculpam a assassina de Marat têm que perdoar também à russa Zassoullich. Para os espiritos religiosamente dedicados ao respeito pela vida humana serão ambas dignas de castigo. E' que estes não discernem onde acaba o homem e começa o monstro.

A sensação produzida por aquela audaciosa tentativa contra o chefe da policia imperial foi enorme. Não houve maneira de furtar a sua autora ao julgamento. Apareceu em comovedora attitude diante do júri. — Nessa Rússia czariana existia tribunais e jurados para julgar mesmo os confessos assassinos dos grandes da terra, o que não succede na pseudo democracia em que vivemos. — Vera Zassoullich demonstrou não ter coisa alguma de comum com os revolucionários, contou, sem medo e com simplicidade, como se impressionara ante as torturas sofridas pelos presos, na fortaleza de S. Pedro e S. Paulo, soltou gritos indignados ao evocar o estudante, que nunca vira, mas soubera açoitado e vilependiado e declarou-se obediente a uma força terrível e impulsionadora que a levava até aquella sala de audiência decidida a cometer o que, na sua vozinha, envergonhada, no final da confissão, intitulava «o meu crime». E dizia aquilo como podia pronunciar «a minha mentira», «a minha intriga», «a minha maldade». Ruborisava-se, baixava os olhos, ficava à espera diante dos jurados, sentindo o arfar da turba, mais impressionada do que ela própria, nas bancadas do tribunal.

Calara muito no ânimo do júri. Foi absolvida. Mas havia ainda a temer um perigo que seria fatal: a do fiscal da lei requisitar novo julgamento em nome do czar que não quereria deixar impune o atentado contra o seu guardião, o qual também intercedera pela jovem, num acesso de remorso ou de especulação, talvez de abalo de consciência, num transmutismo nado do choque das balas. Um bando audacioso rodeou a absolvida e levou-a entre a população, meteu-a numa carruagem, furtou-a às pesquisas.

A grande policia russa pôs-se a remover S. Petersburgo, entrou nos palácios e nas tabernas, nos conventos e nas pocilgas, não se poupou a trabalhos. Só uma residência — além do paço imperial — foi respeitada, por medo: a do grão duque Nicolau, irmão de Alexandre II, ao qual atribuíram a defeza de Vera Zassoullich. Espalhou-se que a puzera a salvo, vestida de grande dama — de «barine» — num vagão de luxo, com os papeis em ordem, para viver no estrangeiro duma pensão que lhe doara.

O imperador era tão odiado que até se imputava ao irmão semelhante acto e o público acreditava-o, a corte comentava-o, a policia estarecia-se porque conhecia a opposição do grão duque, discreta, insinuante, todavia, como a dos Orleans à beira do trono da França desde os velhos tempos feudais.

Os amigos da audaciosa mulher é que tinham lan-

çado o boato e à sombra dêle puderam metel-a num comboio, não como grande dama, não em trajos de «barone» mas numa quarta classe, vestida de aldeã. Assim se encaminhara, muito em segredo, para a Alemanha, no receio de que Guilherme I a mandasse prender e a entregasse à Rússia pois não era considerada uma criminosa de delicto político.

Continuavam a procurar-a intensamente. A desditosa, dentro da sua carruagem, sentia-se morrer de fome entre os companheiros de viagem, que egoistamente devoravam os seus pães negros e bebiam a sua vodka. Quizera salva-los e eles nem sequer, ante a palidês da sua face, lhe estendiam uma fatia do bolo de centeio, azedo e áspero, que enguliam gulosamente. Teve que se apear para procurar alimento e viu, cheia de terror, que o comboio partia. Ficou em terra russa a lamentar-se, a ouvir o chefe duma pequena estação a dizer-lhe rijamente:

— Pior... Vai no outro...

E foram d'angústias sem par as horas que passou tremendo de frio e de pavor no canto da gare durante a noite. Por toda a parte a procuravam; bastaria um olhar mais esperto para a descobrir ali, sósinha, num lugar onde não poderia encontrar auxilio, e para a levarem ao cárcere, à tortura, à Sibéria.

Mas salvou-se. Chegou a Berlim e escondeu-se. Passou para a Suíça onde estavam muitos comunistas franceses refugiados, e com eles Rochefort e alguns dos seus companheiros da fuga da Noumea.

No meio dêles, Vera Zassoulitch encontrou acolhimento; adoravam-na com os seus modos infantis a dizer como uma colegial apanhada em falta: «quando me decidi a cometer o meu crime»...

As autoridades suíças, e sobretudo o deputado Héridier, que representava o cantão de Genebra, sabiam-na dentro do seu país com um nome suposto e toleravam-na fingindo ignorar a sua identidade e assim, com seus modos de criança amimada, após uma feia maldade, entrava nas conspirações, tornava-se revolucionária e ficava, para toda a vida, ela, que nascera para ser uma boneca num larsinho tranqüilo, dedicada à causa da revolução dos humildes.

Dentro em três anos Alexandre II era assassinado pelas bombas dos nihilistas e Trepoff finava-se deixando o seu lugar ao filho, Dimitre Federovitch, porque naquela familia era hereditário o cargo de carrasco coberto de galões e ouro.

Vera Zassoulitch, ao evocar o atentado, jámais deixava de dizer, no seu tom envergonhado:

— Quando me decidi a cometer o meu crime...

Rocha Martins

A SEGUIR:

UM GENIAL REBELDE: —

O CAMARADA COURBET

O único método de instrução é a experiência, e o seu sistema a liberdade.

— Mulheres-mães: nas vossas mãos se encontra a salvação do mundo.

— Dominar não é senão possuir o meio de explorar o trabalho alheio.

— Não deveria existir diferença entre parentes e estranhos.

— Um homem que sinta com toda a intensidade a vida espiritual não se contenta com uma patria.

— Onde há um homem sem trabalhar existe a escravidão.

TOLSTOI

Os artistas e o povo

A ARTE DEMOCRATIZA-SE—O ARTISTA PROCURANDO O CONTACTO COM O POVO—EXPOSIÇÕES NAS PRAÇAS PUBLICAS—UM EXEMPLO A SEGUIR PELOS NOSSOS NOVOS PINTORES E ESCULTORES.

Os artistas do nosso tempo já não são aqueles enfiados cortezãos que dependiam da benevolência dos reis e dos favores secretos das imperatrizes.

A arte para êsses ousados criadores da beleza já não é um instrumento de adulação,



O pintor Boyer vendendo batatas fritas e expondo ao mesmo tempo as suas obras

nem um passatempo para recreio dos privilegiados.

A arte tornou-se francamente revolucionária. O artista, no nosso tempo, luta desesperadamente pela sua independência, luta com uma admirável coragem para impôr a sua arte, sem a submeter à aprovação duma casta.

A arte democratiza-se. O artista está em maior contacto com o público.

O artista já não constitue êle próprio uma casta, já não se encerra na sua torre de marfim, esperando que um príncipe lhe mande socorro, o subsídio, lhe mate a fome com qualquer eufemismo elegante. Muito menos se sujeita a

estiolar-se junto da sua obra, amarrado ao preconceito de que a arte deve estar muito alta, lá onde não chegue o rumor da multidão, o rumor da vida...

O artista do nosso tempo bate-se pela sua obra, rompendo todas as cadeias, todos os preconceitos.

Zola deu o nobre exemplo dêsse combate. Ao iniciar uma nova escola, ao abrir à vida,



Uma das exposições de pintura no bairro de Montparnasse

à entrada do ar, a sua obra, não temeu a solidão nem recebeu a indiferença.

— «Atirarei tantas obras para a rua que a multidão para passar terá que se baixar para ver o que está ali, para ver o que lhe arremessei».

Foi o primeiro gesto de nobre independência.

Faltava que os pintores o completassem, que os escultores tentassem também a rude prova. E tentaram-na.

Pintores e escultores acabam de vir também para a rua, para a praça pública proclamar o sentido revolucionário da arte do nosso tempo.

Pintores e escultores fizeram da sua arte a grande barricada, e entrincheirando-se nas ruas, iniciaram o combate pela dignificação da sua actividade.

Como Zola, êles impediram o caminho para que se fixasse a sua obra, para que se reparasse no seu trabalho, para que se sentisse e compreendesse o seu desejo de independência, apoiado num labor digno para a conquista do pão.

O pintor Boyer, que não é já um desconhecido e que figurou, com muito brilho, numa das últimas exposições do outono, levantou em Paris o pendão da sua revolta, não se submetendo às duras contingências da conquista do pão de cada dia.

Apezar de a Princesa Murat ter pousado para um dos seus formosos quadros, Boyer não desdenha ganhar a sua vida doutro modo,

contanto que consiga viver para continuar trabalhando nas suas criações.

Não podendo viver pela arte, não se deixou corromper, nem tão pouco desistiu.

Em pleno Paris, na praça pública, ao mesmo tempo que promove a venda dos seus quadros, numa exposição permanente, vai frigindo batatas, dedicando-se, sem o menor reboço, a recolher o produto dêsse seu novo trabalho.

Outro exemplo não menos curioso, foi a atitude tomada pelos pintores de Montparnasse.

Com umas cordas presas a duas árvores, um pedaço de cretone para fazer de fundo, improvisaram no boulevard Raspail, uma exposição ao ar livre.

Os escultores, com algumas tábuas, construíram umas peanhas e sobre elas expuseram também os seus trabalhos.

E' a autêntica barricada.

Durante a exposição era difícil o trânsito e a multidão era obrigada a parar e a fixar os trabalhos dos arrojados artistas.

Impulsionado por êste influxo, também um dos nossos artistas, o pintor Guilherme Filipe, expôs não há muito tempo, em Madrid, uma tela gigantesca, suspensa nos seus extremos a duas árvores.

Emfim, os artistas compreenderam que só a luta e o contacto com a vida asseguram a inde-



Exposição de um escultor em pleno «boulevard Raspail»

pendência e dignificam todo o labor, ainda que êsse labor envolva o preconceito agonizante da supremacia que dá origem à formação das castas.

O exemplo influe sobre a bravura; mais de um soldado só se tem tornado bravo depois de receber o nome de granadeiro.

GUIZOT.

O PASTOR

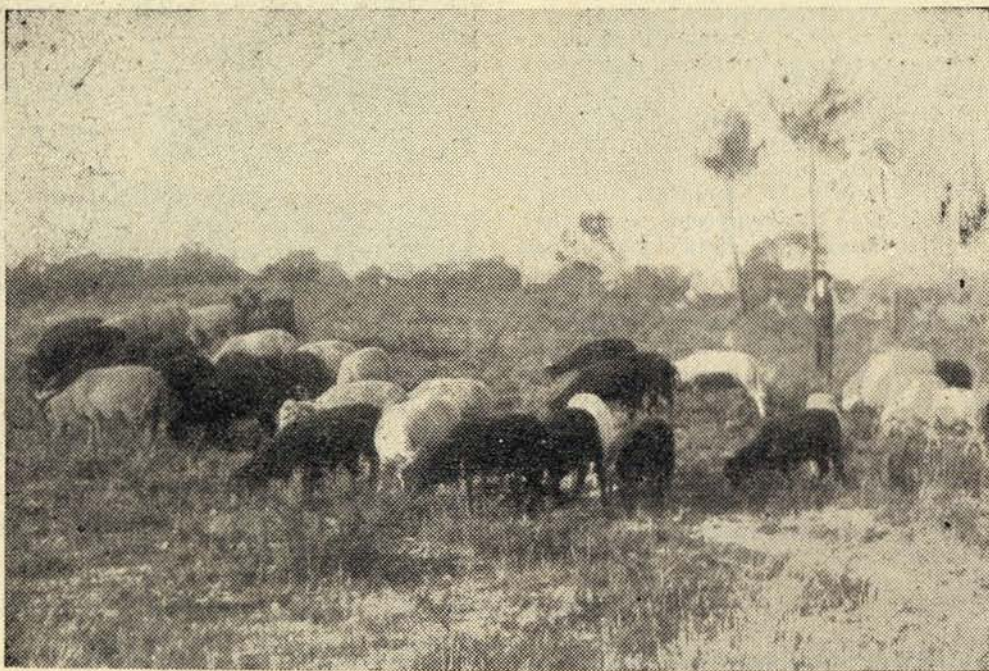
E O SEU REBANHO

Agora que o inverno com o seu manto de neves domina como rei absoluto o nosso hemisfério, agora que um frio penetrante se assenhoreia de tudo, numa inexorabilidade de pavor, a epopeia magnífica do pastor cresce diante de nós como um fantasma de alegria, como um espectro tremendo de pavor. Na planície vastíssima como na serrania recondita, o pastor imperturbável continua a sua vida ao ar livre, na despreocupação ingloria de quem só conhece o convívio terno e misterioso do seu rebanho. Quando o sol dardeja impetuoso e doirado, quando a claridade dum dia festivo de luz ilumina a terra num beijo acariciante, o rebanho e o seu pastor enaltecem no olhar diafano a prodigalidade sã da natureza que ri para eles e os abraça na mesma ternura irmã. Os ribeiros risonhos, no cristal da sua corrente límpida, refrigeram a sede, ainda mesmo que só os olhos bebam as suas águas transparentes. E quando o calor inclemente derrete as resinas loiras que se prendem às árvores possantes, quando elas desfazem, ao contacto dos raios solares, numa deliquescência suave, a sombra amiga dum canavial cerrado, o recanto discreto e sombrio



dum pinhal espesso, é a providência que ampara, guarda e reserva dos graus altíssimos da temperatura ao ar livre, o pastor de olhar vago e o gado manso em cujos olhos ha lucilação de biblias extranhamente profanas e pendores de virtudes que os homens não conhecem. Então sim, no verão rigoroso, podem os dois, pastor e rebanho, dormir tranquilos até que os primeiros raios da estrela vespertina anunciem a noite calma que ha de envolver o campo num beijo voluptuoso.

O ar puro, que o trevo e a giesta embalsamam, brinca na sua epiderme tostada pelo sol. E, depois dum dia de luz intensa, ao recolher



ao povoado, o pastor traz na alma a satisfação de ter vivido sereno, como quiz, sem que a ventania agreste ou a chuva teimosa o fizessem mudar de poiso, a todo o custo, á procura dum



abrigo, ou aconchegando-se mais dentro do seu gabão que desdenha das inclemencias do tempo e sacode as bategas mais fortes da agua que vai engrossar os rios e os poços bemfazejos.

Mas, o inverno! As ramadas das arvores robustas vergam, inclinam-se submissas ao peso da neve que cai em flocos alvissimos, ha regatos que gelam e se solidificam durante uma noite imensa. E o pastor lá está sempre, a guardar o seu gado, inflexivel, sem se atemorisar, como se o melhor teto solarengo o cobrisse e ás suas ovelhas! E, enquanto a gente das cidades calafeta as frinchas mais imperceptiveis das suas moradias e dá gasto aos tecidos resistentes dos armazens de modas, preservando o corpo das baixas temperaturas, o pastor afronta as intemperies e, estoico duma vida melhor, olha de longe, no pensamento, a choupana humilde onde reparte a sua existencia com os seus, complacente com as desditas que o perseguem, resignado com as vicissitudes que o assaltam e só preocupado em que a lã das suas ovelhas renda o bastante para que o pão do seu lar não falte um dia.

O habito fez do caracter do pastor uma epopeia de resignação, dos seus costumes simples uma paciente estrada de artificial felicidade, a quem só chegam os sorrisos da Natureza e até as suas proprias angustias.

Com tudo isso o pastor sofre, ama, pensa e tem ambições. O mundo do frenesi, da inconstancia que ora dá a felicidade ora a rouba, é para ele uma incognita. Reflete-o, é certo, nas suas ondulações de felicidade ou na flutuação do sacrificio, porque faz parte da humanidade,

mas ignora-o, mantem-se estranho a ele. Não se divorciou dele, foram as circunstancias que o divorciaram. Sofre-lhe os embates crueis, mais do que as monções de bem estar, e porque vive longe, no esquecimento, não sabe o que poderia ser para ele a vida; e alheiado da conquista da ideia e absorto, metido no exclusivismo da sua faina, olha, como suas confidentes, as rêzes que o acompanham na luta e assistem aos seus desgostos e partilham das suas alegria.

E, no inverno maldito, lá andam sempre, tristes, tremulos, fóra da vida de repouso e de alegria, cumprindo a sua missão de vestir os outros, os que não sabem, em geral, o que é o inverno, o inverno do pastor que tanto pode exhibir no rosto a floração duns quinze anos esbeltos, como a decrepitude magnifica duma longevidade respeitavel que só conheceu a planicie infinda ou as dobras formidaveis duma cordilheira severa e dominadora. E agora que o inverno estende pelos campos um lençol alvo



de neve, lembremo-nos do pastor, exposto ao frio impiedoso e a tudo o cortejo implacavel que a invernia arrasta atravez de tantos seculos.

Vogueira de Brito

A benevolencia dá mais amigos que a riqueza e mais credito que o poder.

FÉNÉLON.

SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL

I

OS UTENSÍLIOS DA FEITIÇARIA

Os malefícios, sortilégios e adivinhações, constituindo o objecto fundamental da superstição, requerem um arsenal completo de utensílios e ferramentas, sem as quais a obra se tornaria inútil e improficua.

E' assim que, além das rezas, bentinhos, palavras cabalísticas e orações fatidicas, é frequente, ainda hoje, as mulheres chamadas de virtude, principalmente as ciganas, servirem-se de bú-sios, cera, fêl de boi, sapos, ratos, gatos e outros produtos animais para a prática das suas feitiçarias.

Entre o povo, por exemplo, continua a acreditar-se que quem encontrar um sapo, tem o dever de espetá-lo da boca até á barriga com uma cana, a qual deixará ficar enterrada na terra.

E que significa esta estranha usança á qual já nos referimos numa das suas variantes?

Segundo a crença, ninguém que passe deve tirar o pobre bicho daquela horrivel situação em que ali o deixaram, porquanto, se o fizer, acredita-se que tirará toda a sorte ou fortuna da pessoa que ali o espetara.

Quem há entre nós que não conheça a linguagem cabalística das raparigas que ainda neste século consultam o sentir dos seus namorados, desfolhando as pétalas do mal-me-quer, dizendo a cada pétala que arrancam, as palavras, «mal-me-quer», «bem-me-quer», «muito», «pouco», «nada»?

E o horoscopo tira-se da palavra pronunciada ao cair da última pétala!

Por processo semelhante, consulta o futuro para saber se será feliz ou infeliz, a pessoa que novamente vai habitar uma casa. E como o faz?

Vai contando as tábuas do tecto, dizendo e repetindo a cada uma — «ouro», «prata», «cobre», «nada» — e assim por diante até chegar á última tábua. O nome que sobre esta incidir, designará a fortuna. «Ouro» significará a máxima prosperidade, e «nada» significará a máxima miséria.

Com palavras cabalísticas conseguem as moçoilas fazer voltar o namorado que se amou, e os lavradores servem-se delas como espantalho.

Com efeito, na crença supersticiosa, para fazer que um noivo amuado volte a vêr a sua pretendida, basta que esta durante tres dias, á hora das Ave Marias, pique um limão, enterrando-lhe de cada vez um alfinete, ao mesmo tempo que irá dizendo:

«Assim como eu pico este limão,
assim pico o teu coração,
para que não possas comer
nem beber,
nem dormir nem descansar,
enquanto não vieres falar.»

Se ele volta, foi o limão; se, porem, não volta, logo se explica que foi o Diabo que se atravessou!

Para livrar os campos da passarada, o elenco das superstições tem processos mais eficazes em cuja realidade muitos lavradores confiam.

Para estes basta enterrar no campo um fêl de boi, dizendo tres vezes:

«Passarinhos, ao monte, ao monte,
Que o meu campo tem fêl,
E o do meu visinho mêl.»

E o caso é que os passaros lá se vão, a não ser quando o Diabo se intromete onde não é chamado, o que muitas vezes acontece!

Os feitiços não dispensam a intervenção de certos objectos de uso, como sejam, entre muitos outros cuja enumeração seria inumeravel, embora sempre incompleta, os seguintes: — caveiras, vertebras, tibias e falanges, chinelas, solas de sapato, chocalhos, lace, farrapos de lã velha, pandeiros, joieiras, dobadoiras, porcelana, ferraduras, alfinetes, agulhas, etc.

Como se vê, o conjunto destas cousas poderia constituir um curioso, interessante e muito instrutivo arsenal de superstições e bruxarias.

No estudo das superstições, deparam-se-nos casos em que a simples presença de uma coisa, um animal ou um vegetal, basta para se exercer a suposta influencia.

Assim, se um galo canta ao sol posto ou se canta quatro vezes antes da meia noite, o supersticioso interpreta como sinal de morte.

Se cantar antes da meia-noite, será indicio de navio á barra ou sinal de que alguma filha fugiu de casa.

Tambem a vista de um corcunda ou de um vesgo (torto dos olhos) é considerada enguiço.

Na propria capital ainda continúa a ser vulgar dizer-se:

— Diabo! já vi hoje um marreco! tudo vai correr-me mal!

Os que ainda nisso acreditam, logo provêem de remédio para desfazer o enguiço, esfregando uma moeda de cobre pela sola do sapato!

Esta superstição do corcunda, cuja origem oportunamente explicaremos, apparece-nos em Figueiró dos Vinhos, por exemplo, transformada numa espécie de anexim com o valor de exorcismo ou imprecação, indo porem incidir num outro defeito fisico.

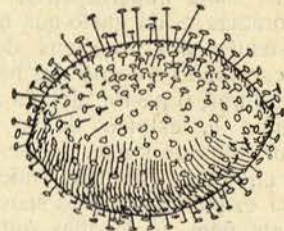
— Rusga-te, que és côxo! costumam elles dizer frequentemente no sentido de afastar uma desgraça.

«De ave de bico encarnado,
Guarte dele como do Diabo»

dizia-se já no século XVI, pois que António Delicado, aneurista do tempo, deixou-no-lo registado.

As superstições tambem se fixam na mente colectiva dos povos algumas vezes sob a forma de adágio. Todos nós temos ouvido o pai ou mãe de familia, já quasi instintivamente, dizer:

«Casa de esquina,
Ou morte ou ruina».



Outras vezes conservam-se na linguagem popular frases que se empregam espontaneamente e nem sempre bem adequadas, com alusão já inconsciente a velhos utensílios da feitiçaria.

Assim, falando de quem intriga, dizemos que anda a meter «agulhas ferrugentas» e também se diz: «meter agulhas e alfinetes».

Como estes muitos outros exemplos poderíamos aduzir, relativos a superstições que se fixaram pelo anexim.

Assim se diz — «por uma unha negra» — e também — «hora negra», «negra vida» e «vida negregada» visível sobrevivência do azar havido pela cor negra, que entre nós continúa supersticiosamente a ser a cor do luto pesado. Continuamos a empregar expressões como estas — «ladrar á lua», «caír das nuvens», «cuspir para o ar», «pôr as mãos no lume» — já inconscientemente aludindo a velhas práticas da superstição.

Ha certos adágios muito antigos, remontando aos séculos XV e XVI, época em que o fanatismo e as superstições mais preponderaram, pelos quais se verifica que havia uma corrente popular contrária.

Só pela violencia das imposições uma parte do povo se submetia, não sem que legasse á posteridade o seu desprezo e desdém, em anexins como estes que até nós chegaram:

«Virou-se o feitiço contra o feiteiro».

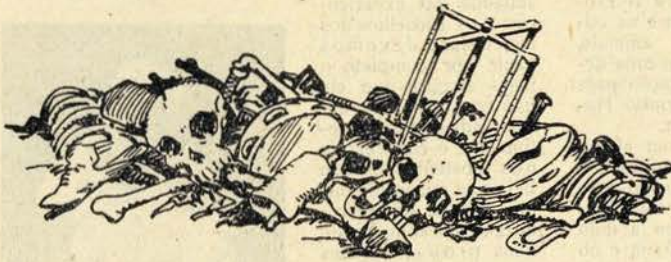
ou também irónicamente:

«Velho que não adivinha,
Não vale uma sardinha».

e est'outro:

«Guarde-vos Deus de moça
adivinha e de mulher
latina».

Contudo a verdade é que a superstição em todas as suas muitas variantes de aspectos, perdura e subsiste no



seio de todos os povos do mundo, e bem merece um estudo mais aturado do que aquele que até hoje se tem feito.

Logicamente nem sequer teria sabôr scientifico qualquer investigação que se intentasse sobre a boa ou má fé, sobre a crença ou descrença dos que recorreram, e ainda recorrem, ás superstições, quer divinatórias, esconjuratorias, benéficas ou malévolas, profanas, sacro-profanas ou de estilo pagão.

O crer ou não crer é alheio á nossa suposta vontade, e depende de tão variados factores de ordem étnica, psíquica, geográfica, climatológica e outras, que impossível se torna avalia-los para cada individuo por modo que seja viavel decidir-lhe da lealdade ou deslealdade das suas crenças.

É claro que no actual século ha muito quem creia por inércia. Não falta quem descreia por mero «snobismo», e também avultam na sociedade contemporânea os que inconscientemente desdenham sem saberem bem porque sim ou porque não.

A origem das superstições perde-se na noite eterna do esquecimento.

O homem primitivo, em luta desigual com uma natu-

reza bruta e indômita, muito anteriormente á história, e até mesmo em luta aguerrida com os seus proprios companheiros para a defeza de interesses materiais ainda não disciplinados pela lei nem pelas convenções, criou o terror pelo desconhecido e a liturgia propiciatória para acalmar o furor dos ventos, a impetuosidade da foice, a crueldade das feras, o poder intoxicante de certas plantas.

Ao homem primitivo, ignorante de tudo, mal saído da animalidade e incompetente para compreender a natureza de que ele proprio fazia parte integrante, não foi possível explicar os complexos fenómenos que só decorridas muitas dezenas de séculos, a sciencia conseguiu decifrar e classificar.

Como interpretaria ele os eclipses, as estrelas cadentes e a queda dos aerolitos?

Que poderia para ele significar o som roufenho e prolongado do bronze, que o choque de um pau ou de uma pedra fizesse vibrar?

Que entenderia ele da agua, ora liquida e corrente, ora dura e gelada?

Que julgaria o homem primitivo do sono e dos sonhos? Da fome e do frio? Da alegria e da tristeza?

Como interpretaria o murmurar dos rios, o cachoar das vagas, o estagnar dos charcos, o assobiar dos ventos, o desencadear dos ciclones, o ecoar das florestas, o relampejar dos raios e o ribombar dos trovões?

Desta profunda mas inevitavel ignorancia, do tempo em que o homem ainda nem a escrita tinha inventado, surgiu o animismo primitivo, attribuindo ás proprias cousas — aos astros, ás plantas, aos animais, aos montes, aos rios, a tudo — qualidades benéficas ou malévolas.

Consequentemente, toda a intervenção de objectos, animais, plantas, etc. nas práticas do ritual das chamadas superstições, bruxaria, adivinhação e espiritismo, constituem autenticas sobrevivencias do primitivo animismo da humanidade, e de toda a sua evolução através do metafisicismo das religiões politeístas e monoteístas que dele derivaram.

Daqui devem datar muitas das mais remotas superstições, que representam portanto os últimos vestígios de religiões de ha muito desaparecidas, pela conservação do dualismo fetichista de forças, espiritos e poderes bons e maus.

E assim se desvenda uma primeira explicação geral da intervenção de ferramentas e utensílios tão extranhos nas práticas da superstição, e a importancia que pode ter o seu aturado estudo.

Quando a sciencia vier a saber interpretar toda a vasta e complicada carpintaria das superstições, ha de ler nelas como em livro aberto todo o já longuissimo passado desta humanidade de que fazemos parte.



Ladainha de P. F. T. de

A PROSTITUIÇÃO DO BEIJO

A ORIGEM DO BEIJO — O BEIJO ENTRE OS ANIMAIS — A RELIGIÃO, A MORAL E A HIGIENE CONTRA O BEIJO — BOCAS FORMOSAS PORTADORAS DA MORTE — NÃO SE DEVE BEIJAR AS CRIANÇAS! — DEFINIÇÃO DO BEIJO E SUA CLASSIFICAÇÃO — A MENTIRA DE BEIJAR — MAU HABITO DE EDUCAÇÃO — ISENTAR O BEIJO DE TODA A INFLUENCIA CORRUPTORA É SUBLIMAR O AMOR.

O beijo é a expressão mais natural e mais ingenua, mais espontânea e mais sublime do amor. Ele é mesmo a sua primeira e mais rude expressão. De esquisito de leite, ele é também — quantas vezes! — um lenitivo confortante para muitas dores, varrendo do nosso cérebro ideias sombrias que o atormentam, dissipando do nosso



Saudação à vida, de J. Jauzion

parecesse com o acto de lambe destes animais. Entre os pombos, o beijo parece ser languido, duma voluptuosidade esquisita, requintada, que atinge o espasmo.

E porque nos ha-de surprender a existencia do beijo entre os animais? Existindo entre eles o sentimento amoroso, porque não se haviam eles de beijar sendo o beijo, como é, a primeira, a mais natural, a mais ingenua e sublime expressão do Amor?!

Em vão a Religião e a Moral, sua filha, teem lançado sobre o beijo a sua condenação — o que não impede que

os moralistas roubem o beijo por violencia ou por astucia e que os religiosos subrepticamente osculem, nas sacristias, as suas devotas e confessadas.

Em vão os governos, na sua insanias aviltante de em tudo interferir, decretarão multas ridiculas contra o beijo, como se faz nos Estados Unidos e se fazia na Russia, a dar credito ao que lemos algures.

Em vão tambem os bacteriologistas afirmarão que os beijos, ainda os impressos por bocas formosas de labios frescos e vermelhos como bagos de romã, e de dentes são e brancos como o leite, contem em si os germens da morte.

E' conhecida a experiencia de Schelesinger e Taylor. Estes medicos deram a beijar a raparigas novas, bonitas, robustas e sadias placas de vidro cobertas por uma camada de gelatina especial e esterilizada. Após o beijo, a gelatina conservava a sua transparencia, sem nenhuma mancha. Postas estas placas em incubadoras previamente esterilizadas e a uma temperatura equivalente á normal do corpo humano, vinte e quatro horas depois a gelatina tinha perdido a transparencia e achava-se coberta de uma quantidade enorme de microbios de especies diversas.

Porem, tão pouco a higiene conseguirá, cremos, exterminar o beijo, pois que a sua exterminação implicaria a exterminação do Amor, de que o beijo é parte integrante, e sua primeira e natural e espontanea manifestação.

Mas não nos deverão ser de todo indifferentes os resultados das experiencias e os conselhos dos higienistas: devemos banir por completo o beijo sempre que ele não constitua uma necessidade do nosso sentimento; e convem que nos abstenhamos de beijar as crianças, pois, em virtude da delicadeza da sua compleição, mais probabilidades oferecem de serem contagiadas. As crianças americanas usam trazer ao peito um letreiro com a prevenção: *Não me beijem, por favor.*

Bem avizados andarão os pais que habituarem os filhos a não dar beijos a ninguem e a não consentir, como os pais americanos, que eles sejam beijados. Opor-se-há a isto, talvez, sua Excelencia a Cortezia, mas aconselham-no e impoem-no a razão, a higiene, e o interesse e o respeito pela saúde da criança.

Deficientes teem sido, até hoje, todas as pretendidas definições do beijo.

A sua origem devemos-la ir procurar entre os nossos irmãos inferiores na escala biologica. Como a linguagem, o sonho, o ciúme e o galanteio, o beijo tambem não é privativo dos humanos, peze muito embora áqueles que, nas afinidades entre o Homem e os outros animais, veem uma degradação para o proprio Homem.

Com efeito, encontramos o beijo no acto dos cães lambe-rem a mão ao dono, e no de certos animais — como as vacas, as eguas e as ovelhas, por exemplo — lambe-rem as suas crias. E parece crível que o beijo humano, na sua forma original, se

os moralistas roubem o beijo por violencia ou por astucia e que os religiosos subrepticamente osculem, nas sacristias, as suas devotas e confessadas.

Em vão os governos, na sua insanias aviltante de em tudo interferir, decretarão multas ridiculas contra o beijo, como se faz nos Estados Unidos e se fazia na Russia, a dar credito ao que lemos algures.

Em vão tambem os bacteriologistas afirmarão que os beijos, ainda os impressos por bocas formosas de labios frescos e vermelhos como bagos de romã, e de dentes são e brancos como o leite, contem em si os germens da morte.

E' conhecida a experiencia de Schelesinger e Taylor. Estes medicos deram a beijar a raparigas novas, bonitas, robustas e sadias placas de vidro cobertas por uma camada de gelatina especial e esterilizada. Após o beijo, a gelatina conservava a sua transparencia, sem nenhuma mancha. Postas estas placas em incubadoras previamente esterilizadas e a uma temperatura equivalente á normal do corpo humano, vinte e quatro horas depois a gelatina tinha perdido a transparencia e achava-se coberta de uma quantidade enorme de microbios de especies diversas.

Porem, tão pouco a higiene conseguirá, cremos, exterminar o beijo, pois que a sua exterminação implicaria a exterminação do Amor, de que o beijo é parte integrante, e sua primeira e natural e espontanea manifestação.

Mas não nos deverão ser de todo indifferentes os re-

sultados das experiencias e os conselhos dos higienistas: devemos banir por completo o beijo sempre que ele não constitua uma necessidade do nosso sentimento; e convem que nos abstenhamos de beijar as crianças, pois, em virtude da delicadeza da sua compleição, mais probabilidades oferecem de serem contagiadas. As crianças americanas usam trazer ao peito um letreiro com a prevenção: *Não me beijem, por favor.*

Bem avizados andarão os pais que habituarem os filhos a não dar beijos a ninguem e a não consentir, como os pais americanos, que eles sejam beijados. Opor-se-há a isto, talvez, sua Excelencia a Cortezia, mas aconselham-no e impoem-no a razão, a higiene, e o interesse e o respeito pela saúde da criança.

Deficientes teem sido, até hoje, todas as pretendidas definições do beijo.



Um beijo, por Francisco dos Santos

Atendendo certamente ao uso existente entre muitas das actuais tribus selvagens de encostar nariz contra nariz ou de cheirar a mão quando desejam dar mostras a alguém da sua amizade, alguns autores definem o beijo como uma aproximação parcial da pessoa querida por meio dos sentidos: ou do tacto, ou do paladar ou do ol-



A gruta do amor, por Emilio Derre

fato. Outros autores dão do beijo a seguinte definição: «é a acção muscular dos lábios que tende á succção e que é acompanhada de um som debil ou forte.» E ainda outros, muito simplesmente: «é a pressão da boca sobre um corpo.» Os dicionários definem-no assim: «o acto de chegar os lábios fechados a qualquer objecto e em seguida abri-los com alguma força.»

Mas todas estas definições não são mais do que a explicação do mecanismo do beijo, e o beijo não é, de forma alguma, um acto simplesmente mecanico. Um escritor francês observa e muito bem: «o beijo não consiste apenas num movimento de musculos labiais; é preciso que essa acção muscular dos lábios esprima alguma emoção.» Mas, mesmo assim, continúa ainda vaga a concepção do beijo, pois que as emoções são multiplas e variadas e o autor não nos diz que emoção deve exprimir a acção de beijar.

Os romanos faziam entre os beijos a seguinte distincção: *oscula*, era o beijo de admiração e respeito; *basia*, o beijo afectivo e amigoso; *suavia*, o beijo amoroso e sensual.

Hoje, tornar-se-ia necessario fazer uma mais larga classificação por isso que, actualmente, beijamos por volupia, por interesse, por alegria, por dó, por enthusiasmo, por costume, por gratidão, por cumprimento, por cortezia, por favor, por humildade, por traição...

O regime social sob o qual somos todos forçados a viver, prostitue e deforma inteiramente o beijo.

Nesta sociedade em que só o dinheiro dá direito á existencia e em que com tudo se negocia, até mesmo o beijo — a mais natural e simples expressão do sentimento afectivo — serve de mercadoria que se vende e que se compra!

Toda a gente se beija a cada passo parecendo que nos estimamos, a todos, como irmãos, mas a verdade é que toda essa gente não se beija, finge beijar-se.

Quantas vezes — quantas! — o beijo — manifestação expontanea da atracção afectiva de dois seres — oculta fel, malquerença, cálculo e traição!

Por praxe, por costume, as mulheres cumprimentam-se, beijando. É um beijo maquinal esse, frio como a morte, indifferente a mór parte das vezes, hypocrita quasi sempre, cheio de perfidia quantas vezes!

A mulher que beija o homem ou o homem que beija a mulher por interesse ou simplesmente por um desejo passageiro de gozo carnal, prostitue os lábios.

O beijo só é beijo quando produzido por um verdadeiro sentimento de amor; quando com a carne vibrar juntamente o espirito. Numa frase: dois seres só se beijam, no sentido puro e moral do termo, quando os seus lábios se aproximam expontaneamente, livremente, desinteressadamente, movidos não pela sensualidade mas pelo amor, isto é, pela reciproca triplice atracção fisica, intellectual e moral.

Mas a mentira de beijar vai mais longe ainda. O homem serve-se dele para testemunhar pezar que não sente e jubilo de que não partilha.

O herdeiro beija *comovidamente* o parente moribundo, aguardando anciosamente o seu derradeiro momento. Beija a esposa o marido quando este lhe oferece um chapéu novo ou uma joia que lhe satisfazem o seu gosto selvagem pelo brilho e pelas plumas. Beija o marido, na rua, sua mulher para comprovar ao mundo o seu excelente amor marital; todavia, acabou, em casa, de insultar a esposa e de lhe impôr a sua vontade como *chefe* de familia. E ninguém desconhece o processo hereditario educativo, ou antes, pseudo-educativo, de se exigir das crianças um beijo a troco de uma dadia ou de se lhes prometer um beijo em recompensa a uma vontade satisfeita. Assim nos habituam desde a infancia, a beijar por interesse, a vender, a prostituir o beijo.

Isentar o beijo de toda a influencia corruptora é purificar o beijo, que o mesmo é que contribuir para a sublimação do Amor. Essa regeneração do beijo é, porem, só possivel numa sociedade de homens livres e iguais. Só no dia em que o homem libertar o Amor cessará a mentira de beijar. Por um lado, a igualdade de direitos e de meios de existencia tornarão impossivel a venda do beijo por ambição ou necessidade economica. Por outro lado, a autonomia dos individuos e a elevação moral do homem e da mulher, fruto da educação libertaria, tornarão excepcional a doação do beijo por hypocrisia ou por simples prazer sexual.

A prostituição do beijo será, senão impossível, pelo menos anormal. Então o beijo será o que deve ser: ou a manifestação sincera dos nossos sentimentos de simpatia, de affectividade, ou a expressão sublime do amor sexual, vizando a perpetuação da especie. Não mais o interesse conspurcará os lábios do Homem.

O moribundo receberá com confiança, por meio do beijo, as ultimas manifestações de afecto dos seus parentes, pois sabe que nenhum interesse os levará a beijá-lo, visto que nada terão a herdar-lhe. E uma vez banido da educação o habito de exigir beijos ás crianças como reconhecimento ou como affirmação de compromissos ou promessas arrancadas, o beijo purificar-se-há nos lábios dos amantes, e até o beijo filial e o beijo maternal atingirão, então, a sua completa sublimidade!



O MONUMENTO A CERVANTES

Cervantes é a mais alta figura da literatura espanhola. A projecção brilhantíssima do seu génio imperecível tem vindo propagando-se, cada vez mais brilhante, através quatro séculos de glória enorme. Em nenhuma outra literatura uma figura de renome se guindou tão alto, se dilatou tão expressivamente. A expansão da língua espanhola ajudou a essa divulgação, e a fama do romancista excedeu tudo o que a fama dos homens pode suportar no seu anseio admirativo, no seu conceito hossânico. Mas, homens como Cervantes não cabem a dentro das fronteiras políticas do país em que viveram, a sua aura magnífica rompe todas as balizas, salta todos os obstáculos e transpondo tudo dilata-se, espalha-se caudalosamente por todos os recantos do mundo num clarão de apoteose fremente, num hino de veneração incontida.

Mas, por muito iminente que seja a reputação do grande seiscentista espanhol, por muito que se alcandore a mágica sugestão, esplendorosa e única, da sua obra inigualável de espírito, não ha, apesar disso, processo que consiga confiná-la ao âmbito em que medrou e teve palpitação, e a glória dum país fica assim transmitida, confundida na glória universal, e os povos sentem-se senhores dessas aguias da idea que, por não pertencerem a país nenhum, nêsse sentido, ficam pertencendo a todos no mesmo quinhão de beleza e de imortalidade.

D. Quichote de la Mancha é a obra máxima do espírito espanhol, da sua admirável *sensible*

rie. Caracteriza uma raça, movimenta uma época, canta a sorrir cavalheirismos de farça e zurze em gargalheiras crueis os ridículos duma geração temerária, azougada, lunática de idealismo, estouvada de heroicidade simbólica.

O poema *D. Quichote* abre brecha contra o mundo desvairado que caminha às cegas, na ância de horizontes novos, de arrojadas acções.

Fulmina o destribelho galante do homem embriagado pelo inédito, mas coloca, quieta em verdade e em *contra-vapor* de bom senso, a noção exacta da tendência humana sujeita ao *contrôle* do raciocínio e da ponderação.

D. Quichote de la Mancha é sempre actual, tem passado hirto, imutável das páginas do romance do século XVI para a liça agitada das épocas que vêem dêle para nós, na corrente impetuosa dos acontecimentos e das gerações.

A Espanha, no simbolismo cortante da ironia dêste livro soberbo, não se sentiu diminuída

na concepção histórica em que desde séculos se tem mantido, e olhando a verdade pela amenidade sugestiva dos seus capítulos e presumindo da ezata observação do romancista procura todos os meios e todos os ensejos para exalçar a sua memória.

Um dia que não vem longe, erguer-se-ha na Praça de Espanha o monumento colossal de que, ao concurso de 1916, foi apresentado o projecto pelo escultor Lorenzo Coullant Valera e pelos architectos Martinez Zapatero e Muguza Otaño. O comité organizador do concurso e realização do monumento, num folheto que



D. Quichote e Sancho Pança

recentemente editou, dá conta da grandeza dessa obra que ficará honrando a tradição estatutária de Espanha. Na Praça de Espanha, soberbo, augusto, o monumento cervantino impôr-se-ha na magestade da sua altura de trinta e oito metros e na significação dos seus pormenores esculturais em que nem um só dos aspectos do génio de Cervantes os autores deixaram escapar. E' um monumento de grandiosidade viril em que Cervantes ocupa o posto de honra, com uma altura de quatro metros, olhando de frente a multidão que o ha de admirar.

No pedestal em que se ergue à superfície do plano em que assenta, simbolisa-se a vida guerreira do escritor em duas figuras alegóricas da batalha de Lepanto e do cativo de Argel, por onde o animo guerreiro de Cervantes passou numa hora de heroismo militar.

Diante do monumento e dêle independentemente vive um grupo equestre alusivo à obra formidável. E' em bronze e representa D. Quichote e Sancho Pança. Detraz, a um lado e outro, em plintos severos, as Dulcineias dão o cambiante exacto dos temperamentos do aventureiro cavaleiro e do seu escudeiro.

As suas mascaras estampam as indoles que põem em jogo as tendências representativas do nervo e do espirito do aventureiro fidalgo. Nos dois angulos principais do monumento, dois grupos representam a *Gitanilla*, a *Rinconete* e

a *Cortadillo* protagonistas dessas novelas exemplares. Como elemento importante da composição total, na parte posterior vê-se uma fonte de nobres proporções, que simbolisa a expansão da lingua castelhana. A literatura está representada numa dama nobre, contemporanea da mocidade de Cervantes. Tem um livro na mão, e a um e outro lado do pedestal em que descança veem-se duas estatuas designativas dos rasgos salientes do caracter espanhol da epoca — o *valor militar* e o *misticismo*.

A seus pés inscrevem-se os titulos de todas as obras de Cervants, e no espaço que fica mediante, ergue-se uma fonte cujas aguas ao cair sobre um taboleiro-concha, o banham numa ceradura onde se esculpem os escudos dos paizes que falam o espanhol. E' esta a forma de materializar a expansão invasora do novo mundo pelo idioma de Espanha.

O monumento é coroado por um grupo de cinco figuras, as cinco partes do mundo em volta do qual se sentam e que mais não é que a simbolisação da expansão mundial da obra de Cervantes.

Este monumento extraordinario pelas suas dimensões e pela sua admiravel concepção, recordará, se tal é preciso, aos espanhois, a herculea figura de romancista que foi o autor de D. Quichote, cuja fulguração de talento pertence hoje á Humanidade.

A MORTE DE LÉNINE

Em fins de janeiro de 1924 o telegrafo anunciava a morte de Lenine que logo os grandes periodicos noticiaram extractando larga biografia do chefe revolucionario.

Morrera a 21 de janeiro, em Gorki, pequena povoação nos suburbios de Moscovo. Vitimou-o uma paralisação motivada por um excessivo trabalho intelectual.

Muito novo ainda, Lenine começou os seus estudos marxistas lendo *O Capital*, de Marx. De 1890 a 1893, percorreu uma boa parte da Russia angariando adeptos para o marxismo; em 1894 organisou em S. Petersburgo o primeiro agrupamento marxista. Terminada a sua primeira deportação para a Siberia, ele publicou as suas primeiras obras *Os deveres dos sociais-democratas russos* e *O desenvolvimento do Capitalismo na Russia*.

Em 1903, no segundo Congresso do partido social-democrata russo, Lenine chefiou uma fracção do partido, que ficou denominada bolxevista ou maximalista.

Depois da revolução de 1905, Lenine foi obrigado a emigrar tendo visitado a Inglaterra, a França, a Suíça e outros paizes. Discursava correntemente em alemão, inglez e francez, embora não fosse um orador no exacto sentido da palavra, como o são, por exemplo, Trotzky e Zinoviev, se não quizermos lembrar Jaurés. Quando veiu a guerra, em 1914, Lenine intensificou as suas polemicas com os oportunistas, e no congresso internacional de Zimmerwald chefiou a esquerda do Congresso, defendendo abertamente a insurreição armada do proletariado como meio de pôr termo á guerra.

Do seu papel na organização da Republica Sovietica é superfluo falar aqui. Ela é sua filha espirital.



O MUNDO CURIOSO

No album dum banqueiro

«Quando uma criança veste calças pela primeira vez, só pensa em trazer as mãos nos bolsos. Quando chega a homem só trata de meter as mãos nas algibeiras alheias».

Os lenços

O uso dos lenços é muito moderno, pois os antigos cospiam muito pouco e quasi nunca se assoavam. Os gregos, por exemplo, limpavam os olhos e a testa com uma ponta da manta que os cobria.

Os anos foram passando e os povos na sua forma progressiva, nas suas descobertas necessárias à vida, viram que seria preciso qualquer coisa com que fosse possível limpar o suor depois de longas horas de trabalho, quando não houvesse à mão água para se lavarem. E assim começaram a usar um sudário de pano fino, que originou a invenção dos lenços.

O relógio de maior precisão?

Ao que parece, o melhor relógio de todo o mundo é um relógio eléctrico, existente no observatório de Berlim, e que foi instalado ali em 1865 pelo professor Forster. Acha-se encerrado numa redoma de vidro absolutamente livre do ar. Esse precioso relógio tem tido períodos de dois e tres meses em que apenas acusa desvios de 15 milésimas de segundo.

A velocidade dos peixes

Um piscicultor de Potsdam, amator do *sport*, calculou, de cronómetro na mão, a velocidade com que nadam os peixes. O campeão da água doce é a truta, que percorre cem metros à razão de trinta e cinco quilómetros por hora; o lúcio é menos veloz, mas resiste mais e pôde na-

vegar por mais tempo à razão de vinte e tres quilómetros por hora. O barbo percorre dezoito quilómetros, e a carpa treze. A enguia não sulca mais de doze quilómetros por hora.

Reprodução animal

Numa revista científica inglesa encontram-se os seguintes dados acerca da reprodução de certos animais:

A mosca põe 144 avos; a aranha, 107; a rã, 1000; a tartaruga, 1000; o camarão, 6000; a ascarina, 10.000.

Quanto aos peixes: uma perca dá 9840 ovos: um peixe-rei, 25.110; o arenque, 36.000; a carpa, 342.000; a lenca, 382.000; o linguado, um milhão; o esturção, tres milhões; o bacalhau cerca de dez milhões.

As lagostas põem 21.000 ovos, em geral.

As mais importantes bibliotecas do mundo

A Biblioteca Nacional de Paris possui 3.700.000 volumes; a Biblioteca do Museu de Londres, 2.300.000; a Biblioteca Publica de Léningrado, 2.044.000; a de Berlim, 1.777.000; a de Munich, 1.400.000; a da Universidade de Strasbourg, 1.200.000; e a Biblioteca Nacional de Madrid, 1.125.000 volumes.

Há ainda muitas bibliotecas particulares que possuem milhares de volumes.

A maior corda do mundo

Trata-se duma maroma verdadeiramente respeitável, que merece todas as honras duma referência.

Essa formidável corda tem 55 centímetros de circunferência e 162 metros de comprimento, formando um rolo que pesa perto de 22 toneladas e mede 3 metros de altura por 2 e meio de diâmetro. Foi feita em Londres, por encomenda do Mercado Colonial. Parece que se destina ao transporte de madeiras através do mar.

ARTE MODERNA ESPANHOLA



UMA DESORDEM.

QUADRO

DE

SUÁREZ COUTO

(Pintor galego)

ACTUALIDADES

Liga Pró-Moral



No Centro Escolar Republicano Dr. Magalhães Lima realizou a Liga Pró-Moral a sua 9.^a festa de beneficência. A Liga Pró-Moral, que é uma associação de protecção á infancia em cuja direcção estão operarios dignos de toda a estima pelas suas boas intenções, vestiu e calçou 80 crianças necessitadas, o que é para louvar. Lastimavel foi, nos parece, que não tivessem sido poupadas as infornadas criancinhas á exhibição publica, como indica a nossa gravura e que em satisfação, a um pedido, publicamos. Habitos herdados da burguesia de que é conveniente irmo-nos libertando.

Capitão Jacques Sadoul



O Conselho da Ordem dos Advogados do Tribunal de Paris, decidiu reintegrar no quadro Jacques Sadoul que foi afastado em 1919 em seguida á sua condenação por *intelligencias com o inimigo*, pelo conselho de guerra de Paris. Como se sabe, o capitão Sadoul foi absolvido pelo conselho de guerra de Orléans.

O Congresso dos Mutilados de Guerra



Os mutilados e invalidos de guerra, sentindo-se abandonados e desprezados pelos poderes do Estado, pelos quais se sacrificaram, reuniram-se em Coimbra num congresso para formular as suas reclamações aos governantes e assentar nas bases de uma organização que lhes dê a força para conseguirem a efectivação dessas reclamações. Nesse congresso, algumas das vítimas dos appetes egoistas do capitalismo, fizeram ouvir a sua revolta contra a ingratitude dos politicos e dos patriotas detentores do Poder.

VIDAS AGITADAS

HOMENS E FACTOS

ALFREDO NAQUET

Ha nomes que não podem desaparecer das páginas mais brilhantes da história. Ficam marcados a fogo, gloriosamente, como outros ficam marcados a sangue e a lama, execravelmente. Recordar uns e outros, ou para condenar ou para enaltecer, é o dever dos que têm nas suas mãos o destino de ensinar, propagar o bom e o belo, difundir as grandes acções, revelar os grandes feitos, exaltar os lídimos caracteres. Ha homens a quem nem sempre se pode imputar uma obra sã, continuada, harmónica, de fins sadios, de processos rígidos.

Os accidentes da vida, as contingências da moral, os precalços que toda a ideologia acarretam, as modificações por que os espiritos bem intencionados passam não deixam margem a que certos homens possam ser julgados como desejaríamos em toda a plenitude da sua utilidade, em toda a unidade resplendente das suas atitudes.

Alfredo Naquet pertence a este número. A sua vida de actividade política e social nem sempre tocou as raias da perfeição moral. Ha nela parentesis que se não são lastimáveis, são pelo menos, sintomas de vacillação, de desigualdade de critério.

A carreira politico-social de Naquet teve, a par de aspectos sãos e profícuos, alguns de desunidade e de pardacento alcance. A sua participação no boulangismo transfigurou a sua rota, mas ela foi tão salutar, tão ardente de vontade, tão curiosa de aproveitamento e significado, que os erros perdem-se na claridade deslumbrante da sua obra de lutador. Bastar-lhe-ia a lei do divórcio para o erguer a uma altura em que ninguém deixará de o ver, de o admirar com simpatia.

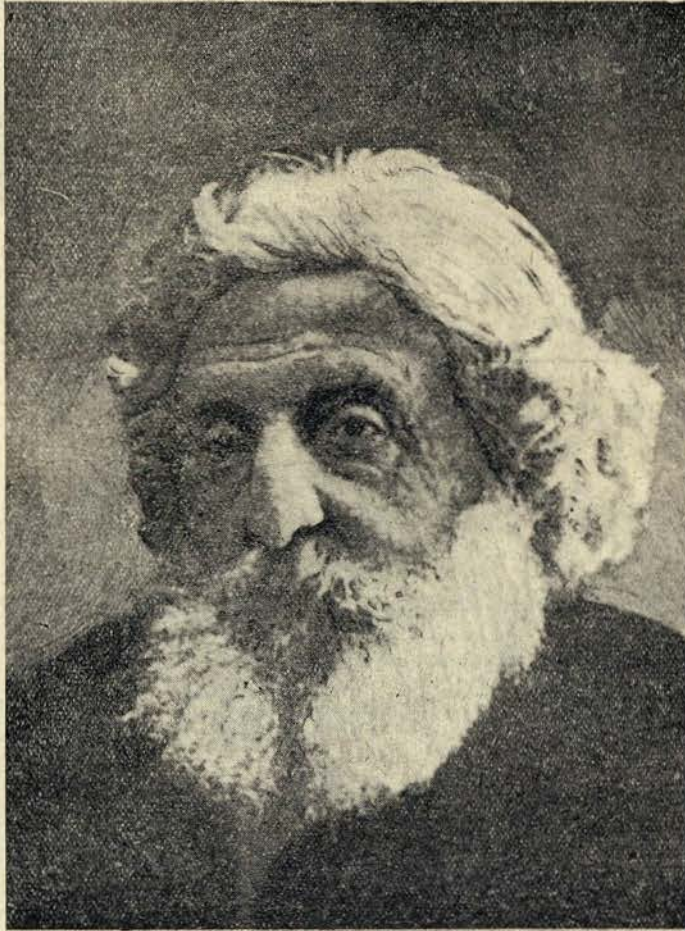
O «pai do divórcio» lhe chamou um escritor francês. E' de facto este acontecimento da sua existência de pensador que ficou a assinalar o seu nome, para a maio-

ria das pessoas que dos grandes homens só fixam um aspecto coruscante. Novo, aos 17 anos, tomou o seu bacharelato, e pouco decorreu até que se inscrevesse na faculdade de medicina de Montpellier, mas em Paris veio a licenciar-se em sciências físicas, conseguindo depois a formatura em medicina. A sua tese «Aplicação da análise

química à toxicologia» dá-lhe uma menção honrosa. A sua vida intensíssima inicia-se sob o ponto de vista sciéntifico e causam funda impressão os seus primeiros trabalhos «Da allotropia e da isomeria», «Princípios de química baseados nas teorias modernas». Em volta desta última obra fervilham as opiniões, e tão grande interesse ela reveste que se publicam dela nada menos de cinco edições e várias traduções em alemão e inglês.

O sábio, o teórico respeitado e seguido nas suas doutrinas é dominado em 1867 pela paixão política, e no Congresso de Genova assombra a assistência falando assim: *Propozinho ao Congresso que antes de terminar vote o seu desprezo pela memória de Napoleão I, o maior malfeitor do século.*

Desde então Naquet é olhado com desconfiança e em pouco tempo implicaram-no numa sociedade secreta com a pena de um ano de prisão e privação durante cinco anos dos seus direitos cívicos. E' no refúgio duma casa de saúde que êle escapa ao horror da detenção, conseguindo passar a fronteira e internar-se na Espanha onde é correspondente do «Réveil» e do «Rappel». Agitada a Espanha por convulsões internas, sedulo a situação e acha-se voluntariamente envolvido nela com tão bom êxito que em 1869 regressa a Paris onde fomenta com a sua energia e participação todos os acontecimentos que precedem a queda do Império. Vem desta época a sua intervenção parlamentar.



Alfredo Naquet

No período que decorre desde 1876 até 1880 funda o jornal «*Revolution*» e «*Independant*», de curta duração um e outro.

Em 21 de Maio de 1878 a Câmara dos Deputados de França vibrava de indignação. Naquet apresentava a sua proposta de lei sobre o divórcio, com o aditamento de revogação do artigo 227 e do título VI do Código Civil.

As principais causas da dissolução matrimonial eram: a alienação mental de um dos conjuges, quando existente ha mais de dois anos; a ausência declarada e as divergências religiosas sobrevindas após o casamento. A Câmara repudia a proposta clamorosamente, o que leva Naquet a percorrer a França conferenciando sobre os seus pontos de vista na mira de criar adeptos e formar ambiente apropriado.

Ha aplausos, chovem doestos, irrompem de todos os lados opiniões desencontradas. As mulheres levam a sua indignação até a uma pretensa agressão, os melhores lápis da França fustigam-no, achincalham-no nos seus desenhos caricaturais. Mas o combatente não trepida e depois de muita canceira vê votada pela Câmara e pelo Senado, em 1882, a lei do divórcio.

E' neste momento que a sua acção parlamentar toma fóros ousados e reivindicadores, com a defeza da liberdade de reunião e de imprensa. O eschoho porém havia de surgir, e a conspiração de Boulanger havia de arrastá-lo a atitudes menos consentâneas com o caminho que percorrerá e que havia de percorrer. Dizemos, que havia de percorrer, porque a sua inteligência lúcida, a sua vontade férrea, e a sua visão do futuro haviam de desfazer

nêlo, mais tarde, as suas ilusões sobre o sistema parlamentar e sobre os homens da política burguesa. Apesar da sua hesitação e dos seus desvios sinceros, Naquet não se perverteu pela deshonestidade e aderindo ao socialismo vinha de dar o seu primeiro passo na estrada dos bons princípios libertários que enfrentava decididamente a inutilidade das fronteiras e a perniciosa dos exércitos, fazendo residir nestes obstáculos a realização duma sociedade verdadeiramente socialista.

Alfredo Naquet chegára ao apogeu da sua mentalidade poderosa, do seu espirito reivindicador, da sua acção intellecto-revolucionária.

As suas melhores obras são: «A humanidade e a Pátria», «Anarquia e colectivismo», «Tempos futuros», «O desarmamento e a aliança inglesa», «República radical», «Socialismo colectivista e socialismo liberal». Naquet, fechado a dentro do círculo dos seus conhecimentos filantrópicos, consubstancia a sua moral doméstica, o seu credo humano e racional na conhecidíssima brochura «Vers l'union libre» traduzida já em português, com o título «A caminho da união livre».

Naquet ascende nesta obra aos horizontes mais elevados das modernas teorias sociais que se baseiam na felicidade humana, na liberdade ampla, na fraternidade universal. E, se até certo momento Naquet fôra sómente uma promessa, nos últimos anos da sua vida afirmou-se uma poderosa realidade que bem pôde ser contada entre os melhores espiritos modernos.

N. de B.

O CAMINHANTE E A SUA CARGA

CONTO DE EDUARDO FRIAS

Rodeando os flancos duma montanha, um homem marchava lentamente conduzindo às costas um pesado fardo.

Era um homem alto e largo, de tão atlética complexião que mais parecia uma síntese de todos os homens e não um pobre moço transportando, como um escravo, uma pesada carga.

Caminhava com passo firme como se dirigisse a sua vontade ao encontro duma certeza... Não olhava em torno e cada vez intensificava mais a sua marcha como se levasse sobre os hombros um fabuloso tesouro.

Donde vinha? Não o sabia... Tinha medo de fazer esta afirmação a alguém e a si próprio. Ele mesmo quasi corria mais ajoujado com a sua carga para fugir a um indiscreto que, sentado sobre uma pedra, debruçado sobre um livro, lhe perguntou:

— Donde vens tu, ó homem que conduzes um tão pesado fardo?

Ele teve medo e fugiu daquele homem que estava a lêr um livro e lhe meteu pavor. Não que elle tivesse cara de salteador. Era mesmo, todo elle, uma pessoa simpática, mas não queria responder, porque não sabia, positivamente, donde vinha e mais ainda... nunca nenhum homem ousara fazer aquella pergunta.

— Donde vinha?

Ele sabia lá!... Então a missão dos homens era saber as coisas? Os homens que levam fardos não podem saber mais nada do que conduzi-los.

Mas a pergunta perturbou-o e elle agora mais distante do homem do livro, deixara-se vencer.

Na realidade donde vinha elle com aquella carga que o maguava, que o torturava?

A resposta foi a invasão de uma tremenda angústia. Nunca ousara defrontar-se com uma interrogação daquela natureza. Donde vinha?! Donde veio o seu pai, o seu avô,

todos os homens, e elles nunca quizeram saber nada, nunca ousaram a mais leve pesquisa.

O fardo que conduzia, porque não se lembrava de o ter feito trepar sobre os hombros, já o carregava certamente, desde criança, tal como os seus antepassados. Eis tudo. Todos, afinal, vinham suportando aquele tremendo fardo desde o principio do mundo e não se queixavam, porque era pecado atrair a cólera de Deus.

Acabou-se. Estava tudo explicado.

E voltou a seguir imperturbavel como o Dever, porque elle próprio era a imagem exacta do Dever. Marchou contente porque se supunha um homem que sabia cumprir, um homem que se tornara escravo do Dever.

Se encontrasse um outro homem com um livro e elle tivesse a terrível idea de lhe arremessar aquella pergunta, já sabia... Responderia assim:

— Venho e vou no cumprimento do meu Dever... Passe muito bem.

Mas voltou na verdade a topar com um homem que folheava um livro, e que lhe disse:

— O' homem que conduzes um pesado fardo! Para que queres tu cumprir o teu Dever? Quem te encarregou desse serviço?

Como não encontrasse resposta, continuou a correr numa precipitada fuga e quando voltou a encontrar-se bem só, muito longe do homem do livro, teve vontade de arbrandar a marcha, aliviar-se da carga, e exclamar numa oração:

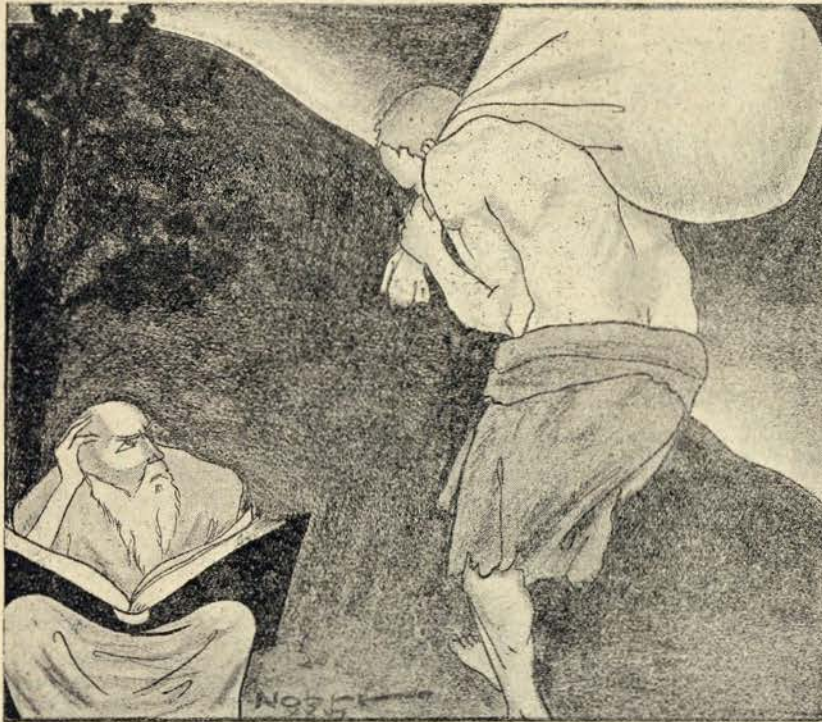
— Senhor! Dai-me todas as penas, mas livrai-me dos homens que folheam livros!... Furtai-me às suas terríveis perguntas!

Não poudé fazer esta oração porque receava ajoelhar e desviar os hombros da sua carga. Que succederia se o fizesse? Não o sabia, mas tinha a impressão de que acabaria o mundo. O universo só existia porque elle levava

aquele tremendo fardo às costas. Se arrojasse o fardo, precipitando-o na profundidade do vale, o mundo despedaçar-se-ia, fatalmente; tudo acabaria, porque ele não podia conceber o mundo sem o fardo às costas, e sem aquela marcha de supliciado, sem uma queixa.

Mas surgiu numa curva um outro importuno que também folheava um grande livro, o terrível livro das interrogações, e uma delas penetrou a sua consciência como um facho de luz que o queimasse horrorosamente.

— Que levas tu nêsse saco, ó homem que vais cumprir o teu Dever, sem saber donde vens, para onde vais e a quem deves pedir a conta dêsse grande frete?



— Donde vens tu, ó homem que conduzes um tão pesado fardo?

Então êle desesperou-se, e num movimento brusco, para acabar com as interrogações que o oprimiam muito mais do que o fardo, arrojou com o sacco que passou a rolar com grande estrépito, numa estupenda avalanche.

— Não sei, nem quero saber... Se tem muita curiosidade deixe aqui o seu livro e vá lá abaixo á vala abrir o sacco e então verá o que êle contém. Acabou-se.

Retirou-se muito satisfeito de si, mas assim que deixou de ver o homem do livro, parou estupidamente, medroso.

— Mas para onde vou eu agora sem a minha carga? Agora não sei o que devo fazer de mim. Não sei caminhar...

— «Arranja outro sacco mais pesado e segue direito sem ouvir ninguém. Esse é o teu Dever...»

Olhou em torno para ver quem tinha pronunciado aquela frase, e como a tivesse voltado a ouvir, poudo saber que a voz partia do fundo da vala, e estava aprisionada dentro do sacco. Então reflectiu que conduzira aos hombros, até ali, um fardo e uma voz, e era a voz o que pesava mais.

— De quem seria essa voz?

Passou nêste momento um homem com um livro.

— Eh! Amigo! Pode-me dizer, o senhor que tem um livro, de quem era a voz que eu trazia dentro do sacco?

O homem do livro, riu, riu muito, e por fim exclamou:

— Ora, finalmente, que já o meu querido amigo interroga também. Pois vou explicar-lhe. O sacco que você trazia aos hombros, era no principio do mundo um fardo enorme, tão grande que os homens, debaixo dêle, não se deixavam ver. Era como se fossem êles próprios dentro do sacco. Depois, à custa de muita interrogação, de muita dúvida, o sacco foi diminuindo. Ultimamente dá-se o contrário. E' já o fardo que vai dentro do homem. Não é verdade que você sente dentro de si um grande peso? Não é verdade que você obedece a uma voz que está

dentro de você mesmo, mas que não é sua, porque ela vai contra a sua razão, o seu instinto, o seu direito de viver?

— Com mil diabos! Que Deus me perdoe, mas essa voz então é o Dever, é a Honra, é a autoridade a que todos devemos obedecer!

— Oiça amigo. São essas vozes que esmagam a sua voz. A voz dum homem só pôde ser a voz dêsse mesmo homem. Se fôr doutrem, êsse homem não é um homem. Não passará nunca de um pobre animal, que conduz um fardo às costas, sem saber porquê, nem para onde. Ha pouco você conduzia ao acaso, sem um destino, um pesado fardo, e agora sem êle não sabe o que fazer. Quere encontrar o caminho perdido? Quere marchar a direito e sem um fardo?

— O' meu amigo!

— Vá pelo mundo inteiro à procura da sua voz.

— E o caminho? Como chegar até onde se encontra a minha voz?

Então o homem do livro disse simplesmente:

— Tome, e marche com firmeza...

Estendeu-lhe o livro e o caminhante, depois de uma affectuosa despedida, sentou-se na estrada a folhear as páginas com avidez...

Edouard Foa

Hoje, como ha dois mil anos, para discernir o futuro, é preciso olhar, não para as empresas dos potentados da terra, mas para os movimentos confusos das classes laboriosas.

ANATOLE FRANCE.

A honra de um homem nunca está em poder de outro; está em si mesma e não na opinião do povo; não se defende com a espada, com o escudo, mas com uma vida integra e irrepreensivel.

JEAN JACQUES ROUSSEAU.

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de paginas sem alteração de preço.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos:

Afonseida, poema heroi-comico de Octavio de Meireiros. Na capa, caricatura de Afonso Costa por Emerico. Edição do Autor. Imprensa Lucas & C.^a Preço 10\$00. O poema tem 6 cantos e 293 estrofes de 8 versos decassilabos rimando o 1.^o com o 3.^o e o 5.^o, o 2.^o com o 4.^o e 6.^o e emparelhando o 7.^o com o oitavo; e contem os seguintes 22 episodios: nascimento, as calças, Serpa Pimentel, comicio, coupe 44, alma de Pombal, atentado da Praia das Maças, *superavit*, ataque por João de Freitas, uma pendencia celebre, electrico, 14 de Maio, Furness, prisão no Porto, assalto á moradia, Maxime, descripção de Portugal, alusão a Coimbra, referencia a Lisboa, prisão d'Elvas, cortejo civico á Batalha e o discurso da morte.

Como se vê pelos titulos dos episodios, *Afonseida* é a vida *honrada e gloriosa do grande* estadista Afonso Costa cantada em verso. O autor diz-nos que é este o seu primeiro livro. As nossas sinceras felicitações. Escrito em bom verso, de rima facil, *Afonseida*, que se lê sempre com sorriso a amarfanhar-nos a face, é um belo livro de combate ao politico mais torpe da Republica e mais odiado pelo povo. O seu autor é, porem, certamente monarchico, pena sendo que o seu facciosismo politico privasse de completar o seu poema heroi-comico com um dos aspectos mais odientos da vida politica do estadista ridicularizado. Com effeito, nem uma unica referencia ás perseguições de Afonso Costa ao operariado!

Contos gregos, por Antonio Sergio. E' mais um belo livro de contos para crianças publicado pela livraria Ailland & Bertrand, numa magnifica edição apropriada ao mundo de leitores a que se destina. O professor Antonio Sergio, o feliz autor do *Navio dos brinquedos*, enriqueceu com mais um belo trabalho a nossa literatura infantil. Aos nossos camaradas recomendamos para os seus filhos os livros infantis deste escritor, isentos de preconceitos religiosos e patrioticos.

Ilustração. O 2.^o numero desta publicação quinzenal editada pelos importantes livreiros Aillaud, L.^{da} não se apresenta melhor que o 1.^o As mesmas vinhetas *demodees* a encimar as secções, a mesma falta de gosto na disposição das gravuras, a mesma falta de interesse na leitura apezar dos numerosos colaboradores que anunciou. Para *revista portuguesa*, explora demasiadamente assuntos estrangeiros, e como de *maior tiragem e expansão*, pelo preço de quatro escudos, devia ser bem melhor, quer li-

teria, quer graficamente. E continuamos a esperar que melhore.

Trinta anos em Seide, por Raquel Castelo Branco. A base dêste livro da neta do mais explorado dos escritores são documentos ineditos camilianos, em que se devesse, um pouco mais ainda, a vida intima do grande romancista. E' um livro de pouco interesse para quem não é coscuvilheiro mas pelo qual se empenharão os que pertencem a essa enorme familia de maniacos, classificada por *camilianistas*. A' autora desejamos que ao menos da edição deste seu trabalho, tire algum proveito, já que — como diz — das obras do seu avô se tem locupletado os editores e os admiradores do infeliz escritor, sem que dela a familia tenha tirado qualquer proveito.

Educação Social. Com o n.^o referente a 15 de Janeiro entrou no 3.^o ano da sua publicação esta magnifica revista de pedagogia e sociologia dirigida pelo ilustre professor Adolfo Lima. O sumário é o seguinte: As conferencias sobre doutrinas politico-sociais contemporaneas — *Dr. José de Magalhães*; O Centenário da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa — *Dr. Joaquim Fontes*; Liga Propulsora da Instrução — *Dr. Antonio Sérgio*; Pela Escola — *Joaquim Cardoso Gonçalves*; O processo experimental na Escola Primária — *Antonio Lima*; Vocabulário pedagógico; Factos & Documentos; Pagina selecta; Livros & Revistas.

Seara Nova. Numero especial consagrado ao problema colonial. 36 paginas, preço 1\$50.

Sapiens. Revista tecnica de mecanica, electricidade e construção — N.^o 10, dezembro, Barcelona.

Associação Infantil da Freguezia de Carnaxide — Relatorio economico e social do ano lectivo de 1924-1925.

Crisol — Revista quinzenal ilustrada. No mesmo formato de *Vertice* e orientada pelas mesmas ideias. Redação e Administração: Perez Caldós 110 - Sabadell (Barcelona).

Madres por Rogelio Arnau. 23.^a Novela Ideal, editada por *La Revista Blanca*. Preço \$50 A' venda na nossa administração.

La Revista Blanca. Já se encontra á venda, na administração da *Renovação*, o n.^o 64 desta importante publicação quinzenal de sociologia, sciencia e arte. Este numero, correspondente a 15 de Janeiro, contem interessante e variada materia.

A guerra.—Orgão mensal da Liga dos Combatentes da grande guerra. N.^o 1 em 1 de Janeiro. Revista guerrista e guerreira, bem impressa e bem apresentada.

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sobre acontecimentos que interessem á vida operaria, tais como: manifestações populares, greves, congressos, comicios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, sindicatos, cooperativas operarias etc., etc..

A BATALHA

SEMANAL DE 20 CENTAVOS - ANO VII - Nº 106

SABADO, 26 DE AGOSTO DE 1925

ILUSTRAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PRÉCIO 20 CENTAVOS - ANO VII - Nº 106

As palavras e os actos do presidente do ministério acerca dos deportados

A nova táctica de Abd-el-Krim perante os maneios dos imperialistas franceses e espanhóis

A Sociedade das Nações e a escravidão

O Congresso Internacional da Criança, seus delegados e os assuntos de que tratou

Os grandes potentados de Samora Correia

Expagando um pouco rigidez, outros murmuran humildemente: "De uma comilha de azeite!"

A BATALHA
SUPLEMENTO SEMANAL ILUSTRADO
11 ANOS - Número 33
22 DE JULHO DE 1925

TOMADA DA BASTILHA
14 DE JULHO DE 1789

Celebremos, com o povo francês, a data de amanhã, que assinala o acto de revolta cujos efeitos galgaram as fronteiras, irradiando p...

RENOVAÇÃO

Almanaque para 1926
1º ANO - Preço 5 Esc.

O martirio de Japão

A Confederação Geral do Trabalho e os seus órgãos de propaganda na Imprensa
(Ultima pagina da capa do volume do Almanaque de A BATALHA para 1926, á venda nas livrarias e na administração da RENOVAÇÃO.)